

**APENAS UM CURUMIM: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA
COM LITERATURA INFANTIL**

*Thereza Anália COCHAR**

Não se contesta a necessidade da presença do texto literário em sala de aula. Fonte e veí-
culo de prazer e emoção e de conhecimento, estí-
mulo à leitura e desenvolvimento do hábito de
ler são alguns dentre os inúmeros motivos que o
privilegiam e o credenciam.

No entanto, é tarefa bastante difícil fazer
uma criança (ou adolescente) se interessar pela
leitura. E mais difícil ainda quando dessa tare-
fa deve apenas se incumbir a escola, isoladamen-
te, num país em que a maioria dos pais não lê,
não incentiva a leitura fora do âmbito escolar,
não tem livros em casa (nem poder aquisitivo pa-
ra tanto), não frequenta bibliotecas públicas.

A situação se agrava quando se analisam as
bibliotecas escolares — precárias em tudo: au-
sência de bibliotecários, livros com ortografia
desatualizada, livros ruins em conteúdo e lingua-
gem, acervos em desacordo com a faixa etária dos

* Aluna do Programa de Pós-Graduação

alunos, poucos livros para muitos alunos, ou acervos perdidos, trancados a sete chaves na sala da direção e ... por aí afora. É muito comum ainda, nas escolas públicas, destinar-se à biblioteca, um espaço extremamente reduzido e/ou fazer, desse espaço, depósito de livros didáticos com respostas prontas, depósitos de achados e perdidos, depósito de material de limpeza e de material de educação física.

Desse modo, como interessar a criança (e o adolescente) pela leitura ... sem livros? Ou com livros totalmente desestimulantes?

Tudo isso, entretanto, não exime do professor a tarefa de iniciar as crianças (e adolescentes) na literatura e incentivar-lhes o hábito.

Cabe-lhe indicar bons livros e oferecer aos alunos um repertório seletivo de títulos, considerando principalmente a qualidade dos livros e o interesse dos alunos.

"Um livro de Literatura Infantil é antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto." (1, p. 96)

Os leitores são indivíduos diferenciados e têm interesses de leitura diferentes uns dos outros.

Ao indicar livros, devem-se considerar alguns fatores como sexo, idade, nível, sócio-econômico, desenvolvimento psicológico, grau de escolaridade. E também o fato de que muitos alunos, às vezes em séries bastantes adiantadas nunca leram um livro "de verdade", ou seja, nunca manusearam um romance ou um livro de poesias, e, às vezes, nem mesmo folhearam um livro ilustrado.

Felizmente, hoje, há muitos pesquisadores e professores preocupados com o binômio leitura/escola e que têm contribuído nessa área com experiências, projetos e artigos.

Entretanto, ainda vai ser preciso passar muita água sob a ponte antes que essa situação de precariedade de bibliotecas e de leitura nas escolas públicas se modifique, antes que alguma proposta de organização de bibliotecas escolares infanto-juvenis se torne realidade.

Sobram, no entanto, ao professor, algumas saídas na tentativa de trazer a literatura para a sala de aula. Dentre elas, a de ler para as crianças bons livros — tirar do silêncio, do

anonimato e da solidão, as vozes presas dentro dos livros, torná-las vivas, humanas, compartilhar surpresas, emoções, prazer. "O gosto de ouvir é como o gosto de ler" (1, p. 42). E se pensar que já estão por aí, à disposição, os vídeos-textos, então ...

Entre tantos bons livros infanto-juvenis, escolhi como, primeira experiência, para uma 6ª série, neste ano, faixa etária entre 12 e 13 anos, o livro *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho. Tanto a experiência quanto o livro foram unanimemente aprovados pelos alunos. (Ver Anexo I)

Como esse livro empolga pelo dinamismo da narrativa, pelo mistério e pela aventura, escolhi, para uma segunda experiência, e para contrapor à primeira, um livro muito bonito — *Apenas um curumim*, de Werner Zotz (2), cuja história exige reflexão. Contrariamente ao anterior, *O gênio do crime*, esse livro tem um andamento mais lento, não tem mistério nem aventura, e ainda apresenta um universo cultural diferente do universo do aluno.

O livro abre-se com um problema vinculado à realidade: de uma tribo indígena, dizimada em contato com o branco, restam apenas um pajé, o

Tamã*i*, guardador das tradições, dos valores e da cultura indígenas, e Jari, o curumim, um menino totalmente aculturado. Cabe ao pajé reeducar o menino para que se torne índio outra vez.

O lugar onde moram e trabalham não é determinado. Sabe-se apenas que vivem entre brancos, já há algum tempo, pois o menino não tem memória do antes.

A história inicia-se com uma fala profética do pajé aos brancos, com os quais rompe relações, e parte com Jari em busca de seu povo.

O livro é narrado pelas duas personagens em alternância, contrapondo a ótica do pajé e a do curumim diante dos fatos.

O passado feliz do povo indígena ("o povo do riso"), o contato com o branco e a perda da identidade indígena são reconstituídos pelo pajé. Os fatos que se sucedem no presente são relatados por ambos, pelo pajé e pelo curumim.

O pajé é o adulto, o sábio, o guia. Seguro, sabe do rumo das coisas. Jari é criança, sente-se desprotegido, deixa-se levar.

A busca da identidade se dá lenta e gradualmente. Um olhar, um gesto, algumas zangas, perguntas e respostas, cozinhar segundo os costumes indígenas, a construção de uma ubá, não aceitar

a proposta de alguns homens brancos que querem trocar armas por peles de animais, etc. reconstruem a cultura perdida no tempo e no espaço.

O pajé é solidário, ensina, aponta o que julga certo, protege. O curumim, a princípio inseguro e medroso, busca o diálogo, tenta cooperar, respeita as opiniões do pajé, observa, enfrenta provas, dança, canta os cantos dos antepassados, interioriza seus ensinamentos e a história de seu povo, tenta ouvir a voz de dentro.

A viagem em busca do povo-irmão e da sua identidade indígena inclui a passagem por um rio de fortes correntezas. O percurso é desconhecido e longo, e o pajé não tem noção do tempo da duração da viagem. Prepara então o fogo para ser levado: brasas cobertas de cinza, conforme o costume indígena. Ao Jari cabe vencer o rio, remando. O pajé não lhe dá a direção; o curumim deve ouvir sua voz interior e buscar as águas calmas, usando não a força mas a inteligência. Esse percurso ocasiona seu crescimento interior e lança as raízes de sua cultura perdida. O pajé está com ele, ensinando, porém, é Jari que conduz a ubá pelo rio, uma vez que a trajetória da aculturação ao restabelecimento da cultura indígena é percurso individual. Além disso, levar o fogo na

ubá pode simbolizar a purificação.

Transmitidos todos os ensinamentos, Jari já está pronto para retornar a seu povo, já ou viu sua voz de dentro, já incorporou os valores da cultura indígena — é curumim ainda, mas ago ra é curumim índio.

A história chega ao fim. O pajé morre e Jari deve seguir sozinho. Leva consigo, entretan to, a mais bela lição de seu povo:

"O pajé disse que ser livre é o mais belo jeito de se viver ... deve ser ... então vou pra junto do povo ainda li vré, vou pra casa." (2, p. 57)

O livro contrapondo a visão de dois perso nagens, um adulto e uma criança sobre o mundo real, presentifica-o, fazendo a criança refle tir sobre seu próprio mundo, um mundo em que o adulto conduz, ensina, mostra; a criança aceita ou não os ensinamentos, "quebra a cabeça" por si mesma, aposta na sua capacidade de resolver so zinha seus problemas, testa os limites, experi menta, amadurece, torna-se independente.

Por outro lado, o livro também atrai pelo modo de contar a história, que se constrói como um jogo de quebra-cabeça do qual participam dois

jogadores — o pajé e o curumim, que o montam ao leitor em monólogo interior.

A seqüência dos fatos é linear e, embora arrisque algumas leves incursões pelo passado, essas apenas objetivam explicar as ações do presente.

A narrativa desenrola-se com a naturalidade da linguagem oral, por meio de frases curtas e de um vocabulário preciso e simples.

O trabalho em sala de aula seguiu o seguinte roteiro. Pedi aos alunos com antecedência, sem lhes dizer por que, que trouxessem, num dia combinado, pedaços de cartolina, lápis de cor, folhas de papel sulfite.

No dia escolhido, apresentei o livro à classe, coloquei na lousa seu texto de abertura sobre o qual fizemos alguns comentários.

Em seguida, como o texto faz uso de palavras específicas do vocabulário indígena, coloquei seu significado na lousa.

Dei início à leitura oral, lendo de cabo a rabo os dois primeiros capítulos. Em seguida, perguntei-lhes quem falava e eles responderam que, no primeiro capítulo, falava o pajé, Tamã e, no segundo, Jari, o curumim. Como eles tinham percebido que a história seria contada por dois

narradores em alternância, prossegui sem inter
rupções.

Finda a leitura, pedi-lhes que fizessem um cartaz sobre o livro e fomos juntos levantando idéias para ele.

Em resumo: o cartaz poderia ter vários for
matos e tamanhos, deveria ter um título, bem su
gestivo, um título que fosse um convite à leitu
ra, poderia ser ilustrado, com recortes ou dese
nhos deles e que deveria ter algumas das seguin
tes seções, cada qual com um título também inte
ressante: opiniões críticas sobre o livro, tre
chos de que mais gostaram, quadrinhos, um estudo
das personagens, ou da personagem que mais o ca
tivou, um resumo (sem o final), recortes de jor
nais e revistas sobre os índios, entrevistas,
cartas etc.

Os alunos confeccionaram os cartazes em du
pla, porque assim o preferiram. Os cartazes fo
ram afixados no mural da escola e sua leitura
foi bastante concorrida.

Em seguida a essa atividade, propus-lhes
uma redação com base em algumas frases tiradas
do livro:

- Terra é mãe, bicho é irmão
- Mesmo com medo não se mente

- A voz de dentro
- É tão difícil entender gente grande!
- Ser livre é o mais belo jeito de se viver

e pedi-lhes que elaborassem um texto livre. (Ver Anexo II)

Pedi-lhes também que expressassem, por escrito, no verso da folha da redação, uma crítica sobre o livro. (Ver Anexo III)

O resultado dessa experiência foi fantástico. Tanto os cartazes quanto os textos surpreenderam pela originalidade, pela criatividade e pela qualidade. Surpreenderam também pela diversidade de significações que os alunos atribuíram ao texto literário. E, finalmente, surpreenderam pela sensibilidade com que trabalharam em sua imaginação o tema do livro e a relação que fizeram entre o tema e a ecologia, e o mundo em que vivemos. O texto levou à reflexão e causou estranhamento.

Acredito que experiências desse tipo contribuem na busca de uma resposta a um dilema — tão antigo quanto atual, colocado por Cecília Meirelles, em seu livro *Problemas da Literatura Infantil*, em que a autora, levantando hipóteses

sobre o que pode e o que não pode transformar-se em livro infantil, pergunta

"... e se a criança não é mais arguta, e sobretudo mais poética do que geralmente se imagina ..." (1, p. 27)

Cecília Meireles deixa em aberto essa ques
tão e acrescenta:

"... em lugar de se classificar e julgar o livro in
fantil como habitualmente se faz, pelo critério co
mun da opinião dos adultos, mais acertado parece, seria submetê-lo ao uso (...) da criança, que, afinal sendo a pessoa diretamente interessada por essa literatura, manifestará sua preferência se ela a satisfaz ou não." (1, p. 27)

Quando se experimenta uma atividade didáti
ca e dela se recolhem os resultados que lá es
tão — porque certamente as crianças têm guarda
das em si a emoção e a reflexão que esta leitura
lhes suscitou, e os resultados que aqui estão —
os textos e os cartazes produzidos por elas,
têm-se a certeza de que a escola ainda que em pe
quena escala, tem proporcionado às crianças um
convívio com a arte literária, e tem permitido

que a literatura cumpra seu papel, ou seja, o de ampliar, pela leitura da palavra, a leitura do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MEIRELLES, C. *Problemas de literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.
2. ZOTZ, W. *Apenas um curumim*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1982.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- COELHO, B. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1989.
- GERALDI, J.W. (Org.). *O texto na sala de aula*. Cascavel: ASSOESTE, Campinas: UNICAMP, 1984.
- ZILBERMAN, R. (Org.). *Leitura em crise na escola. as alternativas do professor*. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1988.

ANEXO I

Comentários sobre o livro *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho e a experiência de ouvir um livro

"É a primeira vez que fazemos esta experiência, que a professora lê o livro e a gente ouve. É uma delícia, a gente se distrai e ao mesmo tempo aprende.

O livro *O gênio do crime* é um livro de suspense que retrata a capacidade das crianças serem os gênios do crime. Pois nessa missão tem que ser muito inteligente e esperto. Adorei, porque primeiramente falam de um gordo, o Bolachão, e quando se fala de gordo, todos pensam que eles não são espertos e só dão mancadas, mas nessa história é diferente, o gordo Bolachão acabou sendo o gênio do crime, e, por isso, eu adorei o livro.

Fulviane"

"Eu adorei este livro, porque é um livro divertido e ao mesmo tempo de suspense.

Ele nos deixa completamente ligados. Eu adorei também a atividade de nossa professora de

ler para todos nós.

Gostaria que a professora fizesse isso mais vezes, porque acho que todos adorariam.

OBS: Obrigado, D. Tereza.

Artur"

"O *gênio do crime* conta uma história hiper interessante, uma aventura que eu nunca imaginaria, portanto tudo que aconteceu foi inédito pra mim. Gostei de tudo: da história em si, dos nomes do Mister, de tudo, tudo, tudo.

A experiência de ouvir e não ler um livro foi ótimo. (A senhora lê muito bem).

A parte que eu mais gostei foi quando as torradas ficavam voando na casa do Bolachão, enquanto ele pensava.

Também gostei da hora em que o Mister salvou o Bolacha da banheira.

Enfim, adorei tudinho.

Raquel"

"A história ficou bem mais legal, porque nossa professora D. Tereza lia de um jeito tão engraçado, que deixava o livro bem mais emocionante, principalmente nas partes que ela imitava o Mister falando.

Sem dúvida este livro é engraçado e inteli gente, e a nossa professora também.

Juliano."

"Eu achei este livro um pouco chato no fim, que não teve muita graça. Poderiam fazer um fi nal mais chocante, como assim: O Bolachão e o Mister John poderiam jogar os falsificadores na banheira de ácido. O livro "Os barcos de papel" que eu li há pouco tempo atrás, tinha um final mais legal, porque sem querer os garotos prende ram os ladrões e ganharam vários prêmios da fá brica de brinquedos.

Marco Antônio"

"O livrinho "O gênio do Crime" é muito en graçado. Tem partes de muito humor, por exemplo: a parte em que o Mister salva o Balachão do áci do. A briga foi um sarro, e quando o Mister ti ra o Bolachão da piscina do ácido é o máximo.

O autor que é o "Gênio" e não o nome do li vro!

Marcel Renato"

"Eu achei essa idéia de leitura na classe muito legal, porque é uma nova experiência e que eu gostaria que fosse repetida mais vezes.

Carina"

"Eu acho que essa idéia de ler livro na classe é um meio de se aprender.

Maria Cristina"

"Eu gostei do livro, achei o máximo, é um livro diferente dos outros. Gostei também de todos os personagens, do que eu mais gostei foi do Pituca por causa do ciúmes que ele tinha do Bolação e da Berenice. Gostei do Mister pelo seu jeito de falar e gostei da hora que ele arrebenhou o teto, pulou no meio do esconderijo na fábrica clandestina e disse:

— Good night, Bolachon! Com ar de quem estava descobrindo o crime do século!

É um livro interessante, eu o recomendo a outras pessoas, é um livro criativo e cheio de aventuras. Eu esperava que o final acabasse assim, mas não que o mister não quisesse receber o prêmio, e que ele deixasse sua carreira de detetive.

Sô não gostei a hora da tortura que tenta

ram arrancar a unha do gordo.

Eliana"

ANEXO II

Redações - fonte de estímulo Apenas um
Curumim, de Werner Zotz

"A voz de dentro é uma coisa que flui da
mente, um aviso, um instinto.

Todos nós temos esta voz, mas não sabemos
escutá-la.

Temos de aprender a utilizá-la, a escutá-
la como os indígenas a escutam.

Se todos nós soubéssemos escutá-la, não
existiria tanta violência neste mundo.

Apesar de toda esta sabedoria, o homem branco
os rouba, os saqueia.

Se nós aprendêssemos um pouco mais desta sabedoria
indígena, teríamos um mundo melhor.

Marcos Fonseca"

"Eu, às vezes, quando algum amigo do meu
pai vem em casa, eu fico junto com ele escutando
do a conversa. É uma tal de Zélia não tá fazendo
nada, Collor não vai endireitar o Brasil, que

eu não entendo direito.

Quando não é política é pescaria. Daí sim que eu fundo a cuca. Eles falam de peixes e rios que eu nunca vi e nem conheço. Contam umas histórias de pescador que não dá para engolir.

E quando meu pai pega para implicar comigo, ele quer sempre levar a melhor, quer dizer, sem pre levar não, ele leva só porque é maior e é adulto.

Eu sei que um dia vou ser adulto e vou ter meus filhos. Não sei se vão me entender, mas vou fazer o máximo para que me entendam.

Enquanto ainda sou criança, tendo entender gente grande.

Fabiano."

"Muitas pessoas mentem com medo de levar uma surra, ou uma bronca.

Mentir é esconder a verdade ou levar a ou tras pessoas algo falso.

Eu mesmo já escondi a verdade com medo de apanhar, isso também acontece com outras pes soas.

Quando pequeno, quebrei uma serra do meu pai e com medo acusei meu irmão. Meu pai foi per guntar para ele e ele desmentiu dizendo que fora

eu.

Meu pai me chamou e me deu umas palmadas. E ainda disse que se eu tivesse falado a verdade não teria apanhado. Daquele dia em diante nunca mais menti e aprendi que quem fala a verdade não merece apanhar. Mesmo com medo não se mente.

Valcir"

"Ser livre é como ser um pássaro que voa livre pelos campos, bosques, praças, igrejas, enfim em todos os arredores da cidade.

É você poder brincar, correr, pular, fazer de tudo o que você quiser, mas com limites.

É ser um anjo que pode ficar à vontade voando pelo céu, sem ninguém perturbá-lo, vivendo sempre cheio de paz, alegria, harmonia e felicidade fraterna.

Ser livre é, porém, para todos nós o mais belo jeito de se viver.

Ser livre é tudo, ser livre é saber viver!

Luciana"

É tão difícil entender gente grande! Passo cada apuro mesmo escondidinho embaixo de uma pequenina pedra, ando, vôo de um lado para o outro tentando me livrar dos pesões enormes. Algum dia

desses serei brutalmente esmagado e depois comi do por formigas de olhos grandes. Bom, ainda bem que tenho asinhas, pelo menos quando escutar ba ruho dos pés de pessoas, voarei pelo ar o mais depressa que posso agüentar, em vez de correr feito louco.

Boa tarde! Sou um besourinho!

E vou continuar dizendo que:

É tão difícil entender gente grande!

Mara"

"A voz de dentro não é só uma voz nem um pensamento: é uma força, um amigo, é como se fos se alguém que nos quer bem e então nos ajuda, nos aconselha e nos mostra coisas que não perce bemos, ou então, que percebemos e não queremos ver.

O curumim é um indiozinho que ao meu ver não dava ouvidos à sua voz interior porque ter essa voz ele tinha, pois todos têm. Por outro lado o pajé ouvia, e muito, a sua e foi por ou vi-la que ele soube a hora de partir.

Eu acho que todos deviam ouvir a sua voz para se conscientizar do problema dos índios (principalmente os políticos). E os professores também, pois devem perceber que menos tarefa de

vem dar.

Enfim cada um deve ouvir a sua e boas ações cumprir.

Raquel"

ANEXO III

Comentários sobre o livro *Apenas um curumim*,
de Werner Zotz

"Uma história bastante dramática, mas real. Nos mostra com realidade o que o homem faz com o índio e a natureza.

O homem ainda não aprendeu a utilizar a voz de dentro para saber o que é certo e o que é errado, pois só pensa em dinheiro.

Gostei muito!

Marcos Fonseca"

"Eu gostei do livro *Apenas um curumim*, por que é um livro que mostra as tradições do povo indígena que estão sendo perdidas por causa da invasão do homem branco.

E também ajuda a nos conscientizar de que é preciso preservar a natureza para nosso próprio

bem!

Maurício"

"Eu achei o livro legal, muito interessante, porque fala do índio, do problema da natureza. Um exemplo disso é a parte que fala que vai chegar o dia em que o rio vai estar podre (poluído) porque o homem o poluiu; o homem vai estar com fome e não vai ter caça nem pesca, porque ele não matou o que precisou e, sim, muitos bichos que não eram necessários; vai fugir do sol e querer uma sombra embaixo de uma árvore e vai ver que destruiu tudo que a natureza levou milhões de anos para construir. Então ele vai ver até que ponto sua ganância chegou, e vai acordar, mas vai ser tarde, porque tudo vai estar completamente destruído.

E o livro *Apenas um Curumim* está dando um alerta sobre isso.

O livro não foi e nem deveria ser engraçado, porque a natureza está sendo destruída e isso não é engraçado, pelo contrário, é muito triste no Brasil ocorrer esse tipo de crime.

Jacinara"

"Eu gostei muito. É um livro interessante que mostra a dura luta do índio pela sua sobrevivência. É um livro com muitas aventuras e perigos. Eu adorei!

Eliana"

"Eu gostei do livro porque ele fala do futuro dos índios, das matas, por isso a gente tem que parar e pensar nestas coisas.

José Antônio"

"Eu gostei desse livro porque mostra a situação em que o índio está.

Todos deveriam ler para aprender e respeitar mais os índios.

O livro foi bom, só que se todos os homens cooperassem esse livro teria um final melhor. — índios viveriam felizes para sempre com suas tribos.

Infelizmente não tem esse fim.

Adriana"

"O livro é muito bonito, só achei que o pajé não devia morrer e sim continuar sua aventura com o curumim e encontrar sua gente.

É um livro interessante que nos ensina a vi

ver dum jeito diferente e que também conta como o índio sofre diante do branco no Brasil.

Fulviane"

"Eu gostei muito da história, ela nos alerta bastante.

Os dois personagens estão bem colocados e suas falas são bem originais.

Acho que o trabalho deste autor nos mostra o problema do índio brasileiro que está se acabando junto com seus costumes, que já foram esquecidos.

Gostei muito do livro e convido as pessoas que quiserem saber mais que procurem este livro.

Fabírcia"

"Eu gostei muito deste livro. Ele é bem escrito, conta fatos reais, ensina muito e nos ajuda a prestar atenção na vida dos seres que estão ao nosso redor.

Outra coisa que eu gostei foram as mensagens impressas no começo e no fim do livro.

Enfim o livro é super legal e muito, muito interessante.

Raquel"